

**A CONJUNTURA EDITORIAL
E O ESTUDO DO CÓDIGO BIBLIOGRÁFICO
DOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS**

Fabiana da Costa Ferraz Patueli (UFF).

patueli@click21.com.br

[...] Avulsos são eles mas não vieram para aqui como passageiros que acertam de entrar na mesma hospedaria. São pessoas de uma só família que a obrigação do pae fez sentar à mesma mesa (Assis, 1882: I).

As próximas linhas têm a pretensão de discutir sobre as condições editoriais e contratuais, bem como a influência dessa conjuntura na organização editorial dos contos e demais textos de Machado de Assis publicados nos seguintes volumes *Contos Fluminenses* (1869), *Histórias da Meia-Noite* (1873), *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias Sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1896), *Páginas Recolhidas* (1899) e *Relíquias de Casa Velha* (1906).

No século XVIII na França, havia discussões sobre a questão da perpetuidade da transmissão das obras literárias dos seus autores ao editor-livreiro. Denis Diderot em memorial que foi redigida em 1764 e publicada em 1861, denominada *Carta Sobre o Comércio do Livro*, endereçada ao Diretor do Ofício dos Livreiros, Antoine Gabriel de Sartine, que só a recebeu depois de algumas modificações e alterado o título pela comunidade dos livreiros para o seguinte: *Carta histórica e política endereçada a um magistrado sobre o comércio do livro, sua condição antiga e presente, seus regimentos, seus privilégios, as permissões tácitas, os censores, os vendedores ambulantes, a travessia das pontes do Sena e outros temas relativos à política literária*.

A perpetuidade da transmissão literária foi um dos pontos defendido por Denis Diderot. Acreditava que esse tipo de contrato mantinha a ordem comercial e garantia a sobrevivência dos livreiros que corriam o risco econômico. Prática costumeira que até mesmo sobre as obras livres de direito recebiam uma menção do seu editor-

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

livreiro que garantia um acordo tácito de privilégio de publicação. Além do mais, defendia que o autor não conseguiria ser também o editor de suas obras, enfastiaria-se do processo editorial e a da sua distribuição comercial.

Ainda no século XIX, a prática da transmissão perpétua das obras literárias era uma prática indiscutível em que Machado de Assis também participara. Realizou por meio de termo escrito, a venda e transmissão perpétua da propriedade de suas obras. Mas será que esse tipo de contrato dá permissão para o editor H. Garnier a inserção de palavras ou gralhas tipográficas às obras transmitidas?

Em 16 de janeiro de 1899 passaram a integrar perpetuamente como propriedade os seguintes volumes de contos: *Contos Fluminenses*, *Histórias da Meia-Noite*, *Papéis Avulsos*, *Histórias Sem Data* e *Páginas Recolhidas*. Várias histórias a transferência se deu em 27/05/1902 e *Relíquias de Casa Velha* em 09/03/1905, sob os seguintes termos:

[...] 1º O Snr Joaquim Maria Machado de Assis como autor vende ao Snr H Ganier como editor que aceita a propriedade inteira e perpetua da sua obra intitulada “Relíquias de Casa Velha” mediante as seguintes condições[...] 3º O Snr Joaquim Maria Machado de Assis obriga se a não publicar nem mandar fazer publicar outra obra sobre o mesmo ou idenitico assumpto ou titulo que o da obra objecto do presente contracto [...] (Assis, 1939, p. 193).

A venda e a transferência perpétua de suas obras a François Hippolyte Garnier como editor de fato aconteceu, mas somente como editor e não como co-autor, posição tomada em muitas publicações pelos editores, principalmente W. M. Jackson Inc. Por isso, concorda-se com J. Galante de Sousa sobre o estranhamento que causa ao se ler [...] nos volumes de organização póstuma, os dizeres: Propriedade Literária de W. M. Jackson Inc.”. Em que contrato se menciona tal propriedade?” (1955, p. 39).

É fato que tanto a venda e a distribuição dos livros no Brasil não era tão fácil. Primeiro, o índice de analfabetismo era grande, segundo acompanha a esse índice alto a parcela da população de renda baixa, incapaz de comprar livros que em média custavam 2\$ a 10\$. Esse valor rateado por Ubiratan Machado em *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*, nota-se que “[...] Uma costureira cobrava 5\$ pela confecção de um vestido” (2001, p. 73).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No início do século XIX, para se superar todas essas dificuldades de distribuição e comercialização, houve diversas iniciativas de movimentações desse mercado editorial. Ofereciam brindes e bônus na livraria pela preferência de compra. Havia também um sistema de assinatura anual de livros que dava direito ao assinante ao seu recebimento em quantidade proporcional aos meses do ano.

Nesta mesma época notou-se uma crescente produção literária. No entanto, ainda era pesado e caro era o processo editorial, mal eram pagos, e nem sempre eram pagos os autores. Quando esses não custeavam todo processo editorial de suas obras literárias.

O autor tinha essa ocupação por gosto, não era profissão, mantinha-se por herança ou se ocupando em outros afazeres. Era uma prática também na França, comentada por Roger Chartier em prefácio a *Carta Sobre o Comércio do Livro* de Denis Diderot, de admissão aos cargos de governos e confiança aos poucos autores que se consagravam, citando-o: [...] quaisquer que sejam a bondade e a munificência de um príncipe amigo das letras, elas não se estendem mais que aos talentos conhecidos (2002, p. 21). Dessa maneira que Machado de Assis de simples revisor, jornalista, crítico, e autor, também passa a funcionário público.

Diante desta conjuntura favorecedora às editoras, explicasse o descaso percebido com muitas redações literárias, inclusive as de Machado de Assis. São vários os problemas observados por José Galante de Sousa acerca das publicações de Machado de Assis que extrapolam a mera organização dos seus textos e interferem na integridade dos mesmos:

As edições feitas em vida do autor já se vão tornando raras no mercado, e, apesar de inçadas de erros tipográficos, são ainda preferíveis, porque as que têm sido feitas posteriormente à sua morte (tanto as da antiga casa Garnier, como as de W. M. Jackson Inc.) não merecem fé (Sousa, 1955, p. 39).

A falta de credibilidade citada por José Galante de Sousa das edições publicadas após a morte de Machado de Assis se deve às modificações estabelecidas conscientemente ou por negligência dos editores e revisores, como por exemplo: a “[...] falta de vocábulos e de frases, intromissões de palavras alheias ao texto de origem, trocas,

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

substituições, truncamento, enfim... colaboração literária dos editores!” (Sousa, 1955, p. 40).

Hipoteticamente, poderia se pensar quais motivações derivam da conversão de signos textuais é a busca do correto até mesmo da boa forma, ao texto criativo e livre do autor, “[...] pois com frequência procura-se fazer com que o texto editado se encaixe nas normas das gramáticas tradicionais” (Cambraia, 2005, p. 33).

Dentro dessas edições, as de 1937 de W. M. Jackson Inc. acentuam essas intromissões e modificações nos textos e seus elementos de significação. E que se tornaram vulgatas¹ para as demais publicações de muitos textos de Machado de Assis, por isso ganham importância as modificações e as inclusões inseridas por seus editores, cujas contribuições não se limitaram a trechos ou frases inteiras que já não são mais frutos das motivações do escritor e da sua época, mas da própria reorganização dos textos ou da inclusão de outros por motivações editoriais que vão trazer consigo novas interlocuções.

Contudo, as variações dos planos textuais foram piores e mais devastadoras indo de encontro com o que Machado de Assis havia publicado, baseado na liberdade favorecida por um contrato perpétuo.

O volume *Histórias da Meia-Noite*, datado por 10 de novembro de 1873 em advertência pelo autor, chama atenção ao leitor às páginas “desambiciosas”, fazendo crer que a escolha de um texto a outro não foi realizada aleatoriamente.

Vão aqui reunidas algumas narrativas, escritas ao correr da pena, sem outra pertinência que não seja a de ocupar alguma sobra do precioso tempo do leitor. Não digo com isto que o gênero seja menos digno da atenção dele, **nem que deixe de exigir predicados de observação e de estilo** [grifo meu]. O que digo é que estas páginas, reunidas por um editor benévolo, são as mais desambiciosas do mundo. (Assis, 1975, p. 45)

Outra herança da transmissão editorial da W. M. Jackson Inc. encontrada apenas na análise desse prefácio foi a troca na edição de 1957 da palavra **pertenção** por **pretensão**, cuja variação vocabular se deu pelo pouco uso da primeira, mas que infelizmente tal mudança não originou sequer uma nota dos editores. Até mesmo os *Contos Fluminenses* guardam em si uma literatura moralizante, um conjunto

³Edições que divulgam e que criam um ramo de transmissão de uma determinada obra.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

representativo de um gênero, resguardado o conto “Miss Dólar” que é introduzido de forma particular que prenunciaria o grande escritor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, segundo Jean-Michel Massa (1971).

Seguindo as pistas externas deixadas por Machado de Assis, como a carta a Joaquim Nabuco de 14 de abril de 1883, referente à publicação de *Papéis Avulsos*, os contos que constituem esta obra “Não é propriamente uma reunião de escriptos esparsos, porque tudo o que alli está (excepto justamente a *Chinella Turca*) foi escripto com o fim especial de fazer parte de um livro [...]” (Assis, 1944, p. 40), verifica-se que *Papéis Avulsos* se trata de uma composição una e não papéis espaçados que tomam o aspecto de um livro. O autor também confirma esta unidade aos seus leitores na parte intitulada como ADVERTÊNCIA da própria obra publicada em 1882. Por sorte neste volume se conservou o plano textual autorizado por Machado de Assis.

O mesmo não ocorreu com *Páginas Recolhidas* cuja publicação se deu em 1899 e 1900 pelo editor H. Garnier com a seguinte composição: “O caso a vara”; “O dicionário”; “Um erradio”; “Eterno!; Missa do Galo”; “Ideias de canário”; “Lágrimas de Xerxes”; “Papéis velhos”; “A estátua de José de Alencar”, “Henriqueta Renan”; “O velho senado”; “Tu, só, tu, puro amor”; “Entre 1892 e 1894”.

Tal composição autorizada pelo autor foi modificada em 1937, mostrando o desrespeito comercial em notas de editores ao que o autor compôs anteriormente: “[...] suprimos na presente edição os capítulos “Henriqueta Renan”, “Tu, só tu, puro amor” e “Entre 1892 a 1894”. O primeiro acha-se incluído no volume *Crítica Literária*; o segundo no *Theatro* e o terceiro (seis chronicas) em *A Semana* [...]” (Assis, 1937, p. 5). E recebeu de *Relíquias de Casa Velha* o texto “Gonçalves Dias” pertencente a “Páginas de críticas e comemorativas”, nas publicações da editora W. M. Jackson Inc. Contradizendo o seguinte esforço que determinava a organização que o autor havia dado justificado da seguinte forma:

Enfim, alguns retalhos de cinco annos de chronica na Gazeta de Noticias que me pareceram não destoar do livro, seja porque o objeto não passasse inteiramente, seja porque o aspecto que achei ainda agora me

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

fale ao espírito. Tudo é pretexto para recolher folhas amigas (Assis, 1900, p. VIII).

Quanto às intromissões editoriais, verificam-se muitos barbarismos. Além dos lapsos e gralhas tipográficas, as edições em especial de W. M. Jackson Inc. de 1937, expurgou textos que compunham o livro escolhidos inicialmente pelo autor, inserindo outros por conta própria. Por elegância e cordialidade algumas vezes avisou aos leitores que alguns textos escolhidos pelo próprio autor iriam compor outros volumes, em “Nota dos Editores” contradizendo as notas do autor que considerava os contos que ali estavam “reliquias”. E, ainda, publicou um segundo volume sob o mesmo título com contos diversos de Machado de Assis, resignificando-os, pois Machado de Assis considerava os textos de *Relíquias de Casa Velha*, “reliquias” de uma casa:

Uma casa tem muita vez suas reliquias, lembranças de um dias ou de outro, da tristeza que passou, da felicidade que se perdeu. Suppõe que o dono pense em as arejar e expôr para o teu e meu desenfado. Nem todas serão interessantes, não raras serão aborrecidas, mas se o dono tiver cuidado, póde extrair uma dúzia dellas que mereçam sair cá fora. (Assis, 1937, p. 7)

Foram desmembrados desse volume organizado pelo autor, por critérios e motivações editoriais os seguintes textos: “Gonçalves Dias”, “Eduardo Prado”, “Um livro”, “Antônio José” do capítulo “Páginas de criticas e comemorativas”; “Não consulte médico”; e “Lição de botânica”.

Para substituir estas eliminações, incluímos no presente volume os contos Identidade, Jogo do bicho, Viagem á roda de mim mesmo, Só!, O escrivão Caminha, As rosas, já recolhidas para Mário de Alencar, em Outras Reliquias; e mais os seguintes, pela primeira vez enfeixados em volume: O caso do Romualdo, Pobre Cardeal! O caso Barreto, Um sonho e outro sonho e Um quarto de século. (Assis, 1º v., 1937, p. 7).

As escolhas de um conto a outro pelo autor Machado de Assis, definitivamente, não foram aleatórias, ora porque se observa um esforço em suas advertências em compor explicação sob os títulos dados e as escolhas que comporiam os seus planos textuais, como se exemplifica com as seguintes palavras acerca dos volumes de *Várias Histórias* e *Histórias Sem Data*, respectivamente:

As várias histórias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

suas trezentas páginas. É a quinta coleção que dou ao público. [...] O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos (Assis, 9º v., 1975, p. 56).

De todos os contos que aqui se acham há dous que efetivamente não levam data expressa: os outros a tem [...] Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de cousas que não são especialmente do dia, ou de certo dia, penso que o título está explicado [...] (Assis, 1975, p. 56).

Das análises sob os planos textuais propostos pelo autor e a organização literária dada durante a transmissão editorial ao longo do tempo. Por motivação mercadológica ou pedagógica inicialmente foram justificadas, ou ao menos comunicado em “notas dos editores” endereçado ao publico leitor que já não se encontram.

Na verdade, o que se acha nas prateleiras das livrarias são unidades de contos publicados separadamente, ressaltando as poucas edições preocupadas com a sua utilização pedagógica faz referência a sua origem, todas as outras desconsideram o esforço do título e da composição, e até mesmo da unidade dos seus textos escolhidos para serem publicados em um mesmo volume, seja por nada terem de esparsos, seja por serem “folhas amigas” e “reliquias”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFIA

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos fluminenses*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. 265 p. v. 1. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis).

———. *Histórias da meia noite*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. 226 p. v. 4. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis).

———. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. 104 p. v. 5. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis).

———. *Relíquias de casa velha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. 263 p. v. 11. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis).

TEXTOS: PRODUÇÃO E EDIÇÃO

———. *Várias histórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. 197 p. v. 9. (Edições Críticas de Obras de Machado de Assis)

ASSIS, Machado de. *Correspondência*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1944.

———. *Exposição de Machado de Assis. Centenário do nascimento de Machado de Assis. 1839-1939*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde.

———. *Páginas recolhidas*. Paris: H. Garnier, 1900.

———. *Páginas recolhidas*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1937.

———. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts &C, 1882.

———. *Papéis avulsos*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1937.

———. *Relíquias de casa velha*. Paris: H. Garnier, 1906.

———. *Relíquias de casa velha*. 1º volume. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1937.

———. *Relíquias de casa velha*. 2º volume. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1937.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIDEROT, Denis. *Carta sobre o comércio do livro*. Prefácio de Roger Chartier e trad. de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. Coleção Bibliomania, vol. 3.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis. 1839-1870*. Trad. de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

SOUZA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC, Instituto Nacional do Livro, 1955.